



Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia


Entre sertões e Renovações: A irradiação da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus no Nordeste brasileiro


Marilene Ferreira Lobo ¹

 <https://orcid.org/0000-0002-3352-747X>

 marilenegeo12@gmail.com

Sylvio Fausto Gil Filho ²

 <https://orcid.org/0000-0003-1606-9988>

 faustogilfilho@faustogil.ggf.br

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), financiada pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação no Paraná (PDPG/CAPES–Fundação Araucária). O objetivo é investigar o processo de irradiação³ da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus (SCJ) no Nordeste brasileiro, prática devocional iniciada em Juazeiro do Norte-CE por Padre Cícero Romão Batista. A análise é conduzida no campo da Geografia da Religião, com base na filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer e na tríplice mimese de Paul Ricoeur, interpretando a Renovação como manifestação simbólica da fé e da cultura popular. A pesquisa utiliza levantamento bibliográfico, entrevistas, observação participante e análise sistêmica das narrativas devocionais. Os resultados parciais evidenciam que a Renovação ao SCJ já ultrapassa os limites do Cariri cearense, estando presente em cinco municípios de cinco estados nordestinos, consolidando-se como expressão de religiosidade popular que articula fé, memória e identidade cultural.

Palavras-chave: Padre Cícero; Renovação ao Sagrado Coração de Jesus; Irradiação; Tradição.

¹ Doutoranda do programa de Pós-graduação em Geografia-PPGGEO - Universidade Federal do Paraná – UFPR. Membro do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações - NEER e do Laboratório de Espaço, Memória e Cultura Aplicados à Educação - LEMCAE - URCA

² Professor titular do departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Religião - NUPPER (2003-2024) e da Rede do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - NEER.

³ No presente trabalho, o termo *irradiação* é empregado em sentido metafórico, extrapolando seu uso comum nas ciências físicas. Refere-se à difusão simbólica e cultural da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus, prática que, a partir de Juazeiro do Norte, projeta-se como feixe de luz em múltiplas direções, alcançando diferentes regiões e moldando sentidos, identidades e geograficidades da fé. Trata-se de uma circulação difusa, não institucionalizada, sustentada sobretudo por leigos — em especial mulheres mais velhas — que conduzem o rito e zelam por sua continuidade.



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

BETWEEN BACKLANDS AND RENEWALS: THE DIFFUSION OF THE RENEWAL TO THE SACRED HEART OF JESUS IN NORTHEASTERN BRAZIL

Abstract: This article presents partial results of a research project linked to the Graduate Program in Geography at the Federal University of Paraná (UFPR), funded by the Graduate Development Program in Paraná (PDPG/CAPES–Fundação Araucária). The aim is to investigate the process of diffusion of the Renovation to the Sacred Heart of Jesus (SCJ) in Northeastern Brazil, a devotional practice initiated in Juazeiro do Norte–CE by Padre Cícero Romão Batista. The analysis is situated within the field of the Geography of Religion, based on Ernst Cassirer's philosophy of symbolic forms and Paul Ricoeur's theory of the triple mimesis, interpreting the Renovation as a symbolic manifestation of faith and popular culture. The research employs bibliographic review, interviews, participant observation, and systemic analysis of devotional narratives. Partial results show that the Renovation to the SCJ has already gone beyond the limits of Cariri in Ceará, being present in five municipalities across five Northeastern states, consolidating itself as an expression of popular religiosity that articulates faith, memory, and cultural identity.

Keywords: Padre Cícero; Renovation to the Sacred Heart of Jesus; Diffusion; Tradition.

ENTRE SERTANERÍAS Y RENOVACIONES: LA DIFUSIÓN DE LA RENOVACIÓN AL SAGRADO CORAZÓN DE JESÚS EN EL NORDESTE BRASILEÑO

Resumen: Este artículo presenta resultados parciales de una investigación vinculada al Programa de Posgrado en Geografía de la Universidade Federal do Paraná (UFPR), financiada por el Programa de Desarrollo del Posgrado en Paraná (PDPG/CAPES–Fundación Araucária). El objetivo es investigar el proceso de irradiación de la Renovación al Sagrado Corazón de Jesús (SCJ) en el Nordeste brasileño, práctica devocional iniciada en Juazeiro do Norte-CE por el Padre Cícero Romão Batista. El análisis se realiza en el campo de la Geografía de la Religión, con base en la filosofía de las formas simbólicas de Ernst Cassirer y en la triple mimesis de Paul Ricoeur, interpretando la Renovación como una manifestación simbólica de la fe y la cultura popular. La investigación utiliza levantamiento bibliográfico, entrevistas, observación participante y análisis sistémico de las narrativas devocionales. Los resultados parciales muestran que la Renovación al SCJ ya supera los límites del Cariri cearense, estando presente en cinco municipios de cinco estados del Nordeste, consolidándose como una expresión de religiosidad popular que articula fe, memoria e identidad cultural.

Palabras clave: Padre Cícero; Renovación al Sagrado Corazón de Jesús; Irradiación; Tradición.

INTRODUÇÃO

Juazeiro do Norte-CE, desde suas origens, consolidou-se como centro de religiosidade popular no sertão nordestino, marcado pela devoção a Nossa Senhora das Dores e pela figura do Padre Cícero Romão Batista, considerado santo por seus romeiros. Entre os legados religiosos deixados pelo sacerdote destaca-se a Renovação ao SCJ, prática devocional domiciliar que, mesmo após mais de cem anos de sua morte, permanece enraizada no Cariri cearense e em outros municípios do Nordeste brasileiro.

A questão que orienta este estudo é compreender como essa prática devocional, nascida no contexto da religiosidade popular juazeirense, se irradiou para além do Cariri cearense, alcançando diferentes localidades nordestinas. O objetivo é analisar as dinâmicas simbólicas envolvidas nesse processo, interpretando a Renovação como forma simbólica que articula fé, memória e identidade cultural. O trabalho se fundamenta na Geografia da Religião, apoiada na filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer e na hermenêutica da tríplice mimese de Paul Ricoeur, reconhecendo a Renovação como experiência simbólica de fé.

A investigação combina levantamento bibliográfico, entrevistas e observação participante, buscando mapear a presença da Renovação em diferentes municípios e discutir seus significados. Assim, o artigo contribui para a compreensão das cartografias simbólicas da religiosidade popular nordestina, evidenciando como práticas devocionais domésticas configuram espaços de fé e cultura.

Segundo Lobo e Gil Filho (2024), *renovação* significa “ato ou efeito de renovar-se”, sentido que se atualiza no campo simbólico da devoção ao SCJ, onde cada celebração expressa memória, fé e identidade.

Cassirer (1977) apresenta a ideia do ser humano como sendo um ser simbólico, uma vez que não vivemos em um universo puramente físico, mas em um universo simbólico, no qual as formas simbólicas são criadas *a partir da relação* humana com o mundo e se manifestam de acordo com crenças e tradições, sendo transmitidas de geração em geração. Segundo o autor, o mundo simbólico nos apresenta uma estrutura intrinsecamente religiosa, pois é através dele que a humanidade dá sentido às especificidades.

A partir dessa leitura podemos afirmar que toda relação do ser humano com o mundo é pautada por uma dimensão simbólica. Ou seja, a experiência humana é impregnada de sentido e significado. Daí então passamos a entender o ser humano como uma réplica do universo, onde a ciência, o mito, a arte, a religião e a linguagem trabalham em harmonia para transformar o mundo passivo de meras impressões em um mundo de pura expressão espiritual (Cassirer, 2001).

Assim, a Renovação ao SCJ constitui uma experiência simbólica ligada à religiosidade popular, realizada nos lares de muitas famílias católicas, tornando-se uma marca cultural, uma identidade de fé e um espaço simbólico que organiza a vida comunitária.

No campo da Geografia, os espaços religiosos com funções simbólicas desempenham papel fundamental na configuração e na organização da cultura de um povo. Este artigo, portanto, busca analisar a Renovação ao SCJ como prática devocional que, ao irradiar-se do Cariri cearense para outros estados nordestinos, configura uma cartografia simbólica da fé, revelando dinâmicas culturais e espaciais próprias da religiosidade popular.

Metodologicamente, a pesquisa articula levantamento bibliográfico, entrevistas e observação participante e análise das narrativas devocionais. O trabalho de campo vem sendo realizado desde 2024, com visitas a municípios nordestinos onde a Renovação ao SCJ está presente. A identificação das famílias ocorreu também por meio da divulgação em mídias locais — rádio, televisão e redes sociais —, o que possibilitou contatos fora do Ceará. Os casos apresentados correspondem às visitas realizadas até o presente momento. Todas as entrevistas e registros fotográficos foram conduzidos mediante consentimento informado, em conformidade com as normas éticas para pesquisas em Ciências Humanas.

Da devoção mundial à tradição de rezar a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus

A devoção ao SCJ é uma prática religiosa de alcance mundial que surgiu no século XVII, a partir das aparições a Santa Margarida Maria Alacoque, religiosa do mosteiro da Visitação em Paray-le-Monial, na França. No Cariri cearense, essa devoção ganhou força a partir do século XIX com a figura de Padre Cícero Romão Batista.

O Coração de Jesus apareceu a Santa Margarida Maria Alacoque, religiosa do Mosteiro da Visitação, em Paray-le-Monial, na França. Apesar de desconhecida, foi escolhida por Deus para propagar a devoção ao SCJ. A primeira grande aparição ocorreu em 27 de dezembro de 1673, dia de São João Evangelista, considerado o primeiro a cultuar o Coração de Cristo. Consta nas Sagradas Escrituras que ele reclinou a cabeça no peito de Jesus e ouviu seus batimentos (Jo 12,25).

A segunda aparição ocorreu em 1674, numa sexta-feira da oitava de Corpus Christi. Segundo Frei Salvador do Coração de Jesus (2007, p. 8), Margarida estava em êxtase quando viu “uma luz celeste iluminar o altar” e, através das grades, contemplou o Coração de Cristo cercado de chamas, coroado de espinhos e transpassado por uma profunda ferida.

Nessa visão, Jesus lhe prometeu, na misericórdia de seu Coração, conceder a penitência final àqueles que comungassem nas primeiras sextas-feiras de nove meses consecutivos, assegurando-lhes refúgio no momento extremo da morte.

A terceira grande aparição, em 1675, trouxe o anúncio das promessas do SCJ, em número de doze, dirigidas aos seus devotos. Entre elas, sobressai a chamada “grande promessa”, considerada a síntese das demais: Jesus assegurava que aqueles que comungassem nas nove primeiras sextas-feiras consecutivas receberiam a graça da penitência final, não morreriam em estado de pecado nem privados dos sacramentos, pois o seu Coração seria refúgio seguro no momento último da vida (Diocese, 2021). A partir desse momento, consolidou-se a prática devocional que fundamentaria a consagração e a reparação ao Coração de Jesus.

As doze promessas atribuídas pelo SCJ foram examinadas pela Igreja Católica com o rigor próprio desses processos e, posteriormente, divulgadas ao mundo. Em razão do testemunho de Santa Margarida Maria Alacoque, o papa Leão XIII, em 1889, consagrou o mundo ao SCJ. Cerca de cinquenta anos depois, o papa Pio XII recomendou oficialmente essa devoção a toda a Igreja, inspirado na festa já celebrada pelos franciscanos em honra ao SCJ.

Segundo as narrativas dos devotos, Santa Margarida Maria Alacoque afirmava que, por meio da devoção ao SCJ, os leigos encontrariam o socorro necessário em todas as dimensões da vida: paz no lar, alívio no trabalho, bênçãos do céu em seus empreendimentos e consolação diante das misérias humanas. O Coração de Jesus, acrescentava, seria refúgio seguro ao longo de toda a existência, sobretudo no momento da morte.

Para a Igreja Católica Romana, honrar o SCJ é um gesto de amor e devoção que conduz à reparação dos pecados. A sexta-feira é considerada o dia de predileção ao Coração de Cristo, sendo a primeira sexta-feira de cada mês dedicada à penitência em memória de sua Paixão. Esse vínculo entre Paixão e amor ressalta o Coração de Jesus como expressão do amor que sustentou o sacrifício redentor.

No Brasil, junho passou a ser o mês dedicado ao SCJ, celebrado em todas as igrejas católicas do país. Essa prática consolidou a devoção como parte do calendário religioso nacional. A devoção encontrou terreno fértil para se enraizar, especialmente no Ceará, onde se articulou com práticas locais de religiosidade popular e passou a assumir formas adaptadas ao modo de ser e às necessidades do sertão nordestino.

Em Juazeiro do Norte e no Cariri cearense, a devoção ao SCJ assumiu contornos próprios. Entre as promessas, destacou-se a primeira — “A minha bênção permanecerá sobre as casas em que se achar exposta e venerada a imagem de Meu Sagrado Coração” —, amplamente difundida por Padre Cícero.

Também se associaram à prática outras promessas, como a décima — “Darei aos sacerdotes que praticarem especialmente essa devoção o poder de tocar os corações mais endurecidos” — e a décima primeira — “As pessoas que propagarem esta devoção terão o seu nome inscrito para sempre no Meu Coração”. Dessa forma, a devoção foi progressivamente adaptada ao modo de ser, aos costumes e às práticas religiosas da região.

A tradição da devoção ao SCJ permanece no Cariri cearense e no sertão nordestino, graças à atuação do Padre Cícero Romão Batista, formado dentro de uma concepção de Igreja em que a prática devocional precedia os sacramentos. Padre Cícero foi aluno dos padres lazaristas no Seminário da Prainha, em Fortaleza, entre os quais se destacava o padre Chevalier, grande divulgador da devoção ao SCJ no Ceará.

O Ceará foi um dos estados onde a devoção ao SCJ foi mais presente no Brasil. Em 1889, Dom Luís Antônio dos Santos fez um voto solene de consagrar toda a Diocese do Ceará ao SCJ, comprometendo-se também com a construção de um templo em Fortaleza como ato público de devoção e reparação. Essa ação fortaleceu a presença e a consolidação da devoção ao SCJ na região, servindo de base para a tradição renovadora do Cariri cearense. Nesse ambiente favorável, o Padre Cícero tornou-se o grande difusor da devoção no sertão, articulando-a com práticas locais de religiosidade popular.

Recém-ordenado, Padre Cícero retornou ao Cariri ainda sem paróquia para se fixar e passou uma temporada no Crato. Na noite de Natal de 1872 foi chamado ao pequeno povoado da fazenda Tabuleiro Grande, então pertencente ao município do Crato, para celebrar uma missa. Esse povoado havia se formado em torno da devoção a Nossa Senhora das Dores e, posteriormente, daria origem a Juazeiro do Norte. Desde então, o lugar cresceu até se tornar a maior cidade do interior cearense, hoje destacada em indicadores sociais e econômicos (2015–2020) e ocupando a terceira posição em contingente populacional, segundo o IPECE.

De acordo com Della Cava (1976) e Oliveira (2001), após celebrar a missa e atender confissões, Padre Cícero repousava em uma pequena casa próxima à atual Basílica de Nossa Senhora das Dores quando teve o sonho/visão com o SCJ. No relato, Cristo, acompanhado dos apóstolos, manifestava desgosto com a humanidade, que havia esquecido sua misericórdia. Nesse momento, surgiram pessoas simples, malvestidas e descalças, semelhantes aos romeiros primitivos. Voltando-se então para o sacerdote, Jesus lhe dirigiu a célebre frase: “Quanto a ti, Cícero, toma conta desse povo”.

Esse episódio, amplamente registrado pela tradição e pela literatura devocional, marcou profundamente a consciência do Padre, que o interpretou como chamado divino para permanecer em Juazeiro e cuidar de seu povo. Sob a inspiração do Coração de SCJ, esse sonho/visão tornou-se a base simbólica de sua missão pastoral e da prática da Renovação que se consolidaria na região.

Em 1898, durante sua estadia em Roma para reivindicar junto ao Vaticano o direito de celebrar os sacramentos suspensos após o chamado “milagre da hóstia”, Padre Cícero encontrou uma imagem do SCJ (Figura 1), cuja fisionomia correspondia àquela que relatara ter visto em sonho.

Segundo a tradição oral dos fiéis, ele adquiriu a peça e pediu ao papa Leão XIII que a abençoasse. A imagem foi trazida para Juazeiro do Norte, permanecendo até hoje ao lado direito do altar da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores. Oliveira (2001) menciona a existência de um documento quase destruído referente à bênção, reforçando sua relevância histórica e devocional. Esse episódio reafirmava simbolicamente a missão que lhe havia sido confiada no sonho/visão, agora legitimada por um sinal visível e pela aprovação pontifícia.

Figura 1 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus na Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores



Fonte: autora (2024).

Segundo narrativas devocionais colhidas em campo, ao retornar de Roma, já suspenso de ordem e impossibilitado de exercer plenamente o sacerdócio, Padre Cícero foi lembrado como alguém que permaneceu fiel à missão recebida no sonho/visão com o SCJ logo após a ordenação: cuidar do “rebanho” que lhe fora confiado. Essa recordação, reinterpretada pelos devotos à luz das restrições impostas pela hierarquia eclesiástica, é apresentada como base de um ministério que, embora fora dos limites institucionais da Igreja, manteve-se profundamente enraizado na religiosidade popular.

De volta a Juazeiro, já sob as restrições impostas pela suspensão de ordem, Padre Cícero manteve-se fiel à missão de cuidar da fé do povo. Passou a rezar diariamente o Rosário da Mãe de Deus em frente à sua casa, acompanhado pelos devotos. Esse gesto simples ganhou força comunitária, fortalecendo a religiosidade local e contribuindo para difundir ainda mais a devoção ao SCJ. Foi nesse contexto

que se consolidou a prática da Consagração — ou Renovação — ao Sagrado Coração nos lares juazeirenses, marco da espiritualidade popular que permanece até hoje.

Padre Cícero orientou que as famílias de Juazeiro adquirissem a imagem do SCJ e a entronizassem em suas casas juntamente com a imagem do Imaculado Coração de Maria (Figura 2) — justificando que não existe filho sem uma mãe — e que realizassem anualmente uma reza a ele dedicada. O primeiro ano da celebração é denominado “entronização do SCJ”; nos anos seguintes, a reza se repete na mesma data inicial e é mantida enquanto a família desejar e tiver condições de realizá-la.

Figura 2 – Quadro do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria no alto da parede



Fonte: autora (2024)

Inicialmente restrita ao âmbito doméstico, reunindo apenas os membros da família, a celebração foi ampliando-se com o tempo, transformando-se em uma verdadeira festa comunitária, na qual se preparava o melhor almoço do ano para servir à família, amigos e vizinhos.

Após a reza, tornou-se costume oferecer um lanche conhecido desde os primórdios como “café do santo”. Em alguns lugares, a queima de fogos e a presença da banda cabaçal⁴ reforçavam o caráter festivo, transformando a Renovação em

⁴ A “banda cabaçal” é um grupo musical tradicional do Nordeste brasileiro, especialmente presente no Cariri cearense, formado por instrumentos de percussão e sopro – como pífano, zabumba, caixa e pratos – originários

ocasião de fé e convivência entre parentes, vizinhos e amigos. Por esse motivo, até hoje, ela também é conhecida como a “festa do Sagrado Coração de Jesus”

Uma vez realizada a entronização, a família assume o compromisso de celebrar anualmente, na mesma data, a Renovação ao SCJ. A escolha da data fica a critério de cada núcleo familiar e, em muitos casos, ocorre uma fusão entre a Renovação e outras datas significativas, como aniversários de filhos, casamento dos donos da casa, aniversário de um dos cônjuges ou festas de santos católicos, que passam a ser comemoradas conjuntamente. Em outras situações, a data é definida em agradecimento a uma graça alcançada; já entre famílias ligadas ao trabalho agrícola, costuma coincidir com o término da colheita.

Dessa forma, a devoção ao SCJ, nascida na França do século XVII e institucionalizada pela Igreja Católica, foi reinterpretada no Cariri cearense pela ação pastoral de Padre Cícero. Ao ser incorporada às práticas familiares, assumiu caráter doméstico e comunitário, tornando-se marca identitária da religiosidade popular nordestina. Mais que um rito, a Renovação expressa a capacidade da fé de moldar o espaço e o tempo, criando cartografias simbólicas (Cassirer, 1977; Gil Filho, 2007) que mantêm viva a tradição sertaneja.

Nordeste brasileiro: diversidade cultural e religiosidade popular

O Brasil é um país com dimensões continentais e, devido ao processo de colonização, apresenta um contexto de multiculturalidade. Em cada uma das cinco regiões que compõem a nação encontramos costumes e tradições específicos, refletidos em aspectos naturais, sociais, culturais e econômicos. O Nordeste brasileiro, segunda maior região do país em extensão territorial, reúne nove estados que se destacam pela riqueza cultural e pela diversidade de práticas sociais e religiosas.

Quando ouvimos falar em Nordeste, muitas vezes a região é reduzida a estereótipos de seca, miséria, coronelismo ou cangaço. Entretanto, trata-se de uma região marcada por tradições culturais e pela força da religiosidade. Essa visão limitada, frequentemente difundida pelas mídias, contrasta com a pluralidade que constitui o Nordeste.

de materiais regionais (por exemplo, pedaços de cabaça). Com raízes nos contextos indígenas, afro-brasileiros e rurais, essas bandas configuram um tipo de “folgado”, com forte presença corporal, articulação sonora direta e práticas performativas em espaços abertos

Esse imaginário cristalizado acaba sendo fixado tanto na percepção de pessoas que pouco conhecem a região quanto nas memórias de quem vivenciou esse Nordeste do passado. Como afirma Garcia (1999) em *O que é Nordeste brasileiro*, não existe um Nordeste único, mas “vários Nordestes”, que se manifestam em contrastes e similaridades naturais, sociais e culturais.

As diferenças culturais se expressam em manifestações como danças, músicas, comidas típicas, sotaques, dialetos e, sobretudo, na maneira como cada grupo vivencia sua religiosidade. Desde o período colonial, a cultura nordestina foi marcada pela confluência de influências indígenas, africanas e europeias, resultando em práticas religiosas diversas e dinâmicas.

Segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a religião predominante no Nordeste é a católica. Dentro desse universo, destacam-se figuras emblemáticas como Padre Cícero Romão Batista, Frei Damião, Irmã Dulce, Padre Ibiapina e a Beata Maria de Araújo, símbolos de fé que marcaram a história da região.

A religiosidade popular se manifesta em grandes romarias e festas, mas também em celebrações domésticas que reúnem familiares, amigos e vizinhos. É nesse contexto que se insere a Renovação ao SCJ, prática devocional que une cotidiano familiar e sociabilidade comunitária.

A irradiação da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus: a problemática da pesquisa

Durante a pesquisa de campo realizada em Juazeiro do Norte para o mestrado, alguns entrevistados mencionaram conhecer pessoas em outros estados que também rezavam a Renovação ao SCJ. Essa informação indicou que a devoção havia se expandido para além do Cariri cearense, possivelmente irradiando-se por outros estados nordestinos.

Essa possibilidade foi amadurecida como problemática de pesquisa e, com o aprofundamento teórico sobre Padre Cícero e os eventos a ele vinculados, consolidou-se como eixo central da investigação no doutorado. Nesse contexto, desenvolve-se atualmente o estudo das dinâmicas simbólicas que envolvem a irradiação dessa prática devocional domiciliar, originada em Juazeiro do Norte-CE e interpretada como forma simbólica que articula fé, memória e identidade cultural. A pesquisa em andamento busca ainda identificar os municípios nordestinos onde a

Renovação se realiza, compondo um verdadeiro mapa da geografia da fé e da religiosidade popular ao SCJ.

Entre as possibilidades levantadas a partir das narrativas, destaca-se que famílias que já rezavam a Renovação no Cariri cearense tenham migrado para outros estados, levando consigo a devoção. Outra possibilidade é que romeiros, ao conhecerem a celebração em Juazeiro, tenham difundido a prática em suas cidades de origem, contribuindo para sua difusão regional. Contudo, optou-se por delimitar a pesquisa ao Nordeste, uma vez que o levantamento em âmbito nacional se mostrou inviável.

Síntese dos procedimentos metodológicos

Com o projeto aprovado e as disciplinas concluídas, estabeleci residência em Juazeiro do Norte em 2024 para iniciar a busca pelos devotos espalhados pelo Nordeste. O trabalho de campo tem caráter gradual e exige persistência para alcançar resultados significativos. A aproximação com os sujeitos ocorreu por meio de divulgações da pesquisa em rádios e TVs locais, bem como de contatos realizados durante as romarias, o que possibilitou alcançar praticantes da Renovação em diferentes estados da região.

Essa ação inicial resultou em contatos em municípios como Sobradinho-BA e Petrolina-PE, onde acompanhei de forma presencial a celebração da Renovação, além de indicações que levaram a devotos em Pio IX-PI e outras localidades. Até o momento, foi possível acompanhar a prática em cinco municípios de diferentes estados do Nordeste, observando tanto semelhanças quanto particularidades em relação à Renovação celebrada em Juazeiro do Norte, núcleo originário da tradição.

Portanto, acompanhar a irradiação da Renovação ao SCJ no Nordeste é fundamental para evidenciar o crescimento de uma prática devocional que constitui marca identitária da população católica juazeirense. Mais do que deslocamento, irradiar práticas culturais e religiosas significa reinscrever o sagrado em novos espaços, produzindo uma cartografia simbólica da fé que traduz modos de vida, experiências e pertencimentos.

Nesse sentido, a circulação da Renovação entre estados nordestinos não é apenas deslocamento físico, mas também uma forma de migração simbólica, em que a fé se inscreve em novos espaços culturais (Cassirer, 1977; Gil Filho, 2007). Esses achados parciais exigem, contudo, um olhar interpretativo mais profundo,

fundamentado em um referencial teórico capaz de compreender a religião em sua dimensão simbólica. É nesse horizonte que se insere a discussão a seguir.

Discorrendo sobre o referencial teórico

O que motiva um(a) geógrafo(a) humanista fenomenológico(a) a empreender uma pesquisa é justamente o fato de não ter clareza sobre o resultado final, uma vez que se trabalha com a subjetividade e o universo da experiência humana. Isso constitui um arcabouço de dúvidas e incertezas para quem pesquisa, mas também é o que impulsiona a buscar o que está além do visível. Adentrar esse campo desconhecido e tentar desvendá-lo é tarefa desafiadora, porém carregada de uma curiosidade profunda sobre como a experiência simbólica se revela.

No contexto de mudança epistemológica da Geografia, por volta das décadas de 1960 e 1970, surge nos Estados Unidos a Geografia Humanista-Cultural, em oposição à vertente positivista. Essa abordagem volta-se para os valores e ações humanas, inclinando-se para a compreensão do sujeito e de seu cotidiano simbólico.

Na França, Paul Claval é reconhecido como um dos principais renovadores da Geografia, especialmente pela ênfase na dimensão cultural. Segundo o autor (1999, p. 43), a Geografia Cultural Tradicional compreendia cultura como “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio, e humaniza as paisagens [...] uma estrutura geralmente estável de comportamento que interessa descrever e explicar”. Essa perspectiva privilegiava sobretudo os aspectos materiais da cultura — utensílios, técnicas, hábitos e costumes —, deixando em segundo plano as dimensões afetivas e simbólicas do sujeito em relação ao espaço.

A geografia da religião consolidou-se como campo do saber a partir da ascensão da geografia cultural. Claval (1999) observa que, embora os geógrafos já estudassem a religião desde meados da década de 1950, tais análises permaneciam sob forte influência positivista e eram predominantemente descritivas. Somente com a aproximação das Ciências da Religião foi possível avançar para uma análise que articulasse espaço e religião, buscando compreender a essência do fenômeno religioso.

Assim como em outras áreas do conhecimento, a Geografia Cultural e a Geografia da Religião configuram-se como campos do saber geográfico, pois investigam os fenômenos espaciais derivados de questões culturais. Ambas se

debruçam sobre o conceito de cultura, entendida como chave para a compreensão sistemática das diferenças e semelhanças entre os grupos humanos.

Gil Filho (2007, p. 210) ressalta que a Geografia da Religião, quando restrita à leitura da prática religiosa apenas em sua dimensão espacial ou no conjunto de objetos da paisagem, mostra-se limitada. Para o autor, a prática religiosa deve ser compreendida em sentido mais amplo, inserida no universo simbólico da cultura humana, em que a materialidade constitui apenas um meio inicial de acesso à experiência religiosa. O próprio autor reforça essa perspectiva ao afirmar:

Deste modo, a religião, é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca significados da existência (Gil Filho, 2007, p. 210).

A relação entre religião e espaço consolidou-se, nas últimas décadas, como um campo fértil de investigação em diferentes ciências, gerando intensos debates sobre sua abrangência e sobre a significação dos símbolos para os sujeitos. A Geografia da Religião, inserida na geografia humana, busca compreender o fenômeno religioso em articulação com a ciência geográfica.

Gil Filho (2001, p. 2) define-a como “uma análise e descrição do fenômeno religioso em termos da ciência geográfica”, ressaltando que, embora muitas vezes compreendidos como saberes distintos, Geografia e Religião mantêm relações harmônicas. Nesse sentido, a aproximação entre ambas é viva, visível e produtiva. Pereira (2014, p. 23) acrescenta que “o pesquisador, ao debruçar-se sobre a religião por um viés geográfico, deve explorá-la não apenas em suas dinâmicas materiais, mas sobretudo em suas dimensões mais íntimas e sutis”.

Nesse sentido, a religião tem sido objeto de grande atenção entre os geógrafos dentro da ciência geográfica brasileira. Até pouco tempo, era reconhecida sobretudo como a materialização do sagrado nos lugares ou paisagens. Entretanto, a discussão de Gil Filho, sob o olhar cassireriano sobre a ‘realidade’ simbólica humana, amplia essa perspectiva. Para ele, o sagrado não deve ser visto unicamente como materialidade empírica e determinação físico-espacial, mas como expressão de outras dimensões da experiência religiosa — fundadas não em uma localidade, e sim no agir simbólico do homem religioso (Pereira, 2014).

Nessa linha, Gil Filho (2001) aponta que, quando nos referimos à geografia do sagrado, cabe ao geógrafo analisar a vivência e a percepção dos devotos no espaço

sagrado como lugar de manifestações socioculturais, assim como também analisar a visão de cada um deles em relação aos símbolos sagrados, pois o verdadeiro significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários.

Cassirer (1977, 2001), deixa claro que passamos a compreender o mundo a partir das formas simbólicas, onde a religião, através da linguagem, é uma dessas formas simbólicas de compressão do mundo. Portanto, a linguagem é parte da conformação simbólica que dá sentido ao mundo.

Já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes deste universo. São os vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana. Todo o progresso humano no pensamento e na experiência aperfeiçoa e fortalece esta rede. Já não é dado ao homem enfrentar imediatamente a realidade; não pode vê-la, por assim dizer, face a face. A realidade física parece retroceder proporcionalmente, à medida que avança a atividade simbólica do homem (Cassirer, 1977, p. 50).

Com base em Cassirer (1977), o símbolo é um componente do mundo humano do significado: “*símbolos são designadores*” (p. 60) e possuem apenas valor funcional. O filósofo acrescenta que “*o símbolo não tem existência real (...), tem um sentido*” (p. 98), podendo apresentar caráter universal ou variável, conforme a cultura e o contexto histórico em que se estabelece.

Nesse horizonte, o pesquisador que observa atentamente as ações humanas sob um viés religioso é capaz de captar, nas dinâmicas espaciais, elementos mais íntimos e sutis da experiência dos sujeitos inseridos no espaço sagrado. Como afirma Cassirer (1977, p. 359):

Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – um universo simbólico que lhe permite entender e interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana. (Cassirer, 1977, p. 359).

Com essa reflexão, o universo simbólico pode ser compreendido como uma das grandes contribuições de Cassirer para a geografia humanista cultural, pois possibilita interpretar o mundo em termos simbólicos. Como explica o filósofo: “*é a sua função simbólica geral que vivifica os sinais materiais e os faz falar*” (Cassirer, 1977, p. 66). Esse entendimento abre caminho para a análise dos sentimentos despertados nos lugares simbólicos.

Cassirer (2001) discute o espaço na esfera do pensamento mítico, concebido como forma de organizar e “orientar” o mundo segundo determinados pontos de vista.

Essa configuração simbólica distingue-se nitidamente do modo como o pensamento empírico estrutura o cosmos em termos espaciais, abrindo caminho para interpretações do espaço como lugar de experiência simbólica e religiosa.

Enquanto Cassirer oferece a base filosófica para compreender a função simbólica da religião, Ricoeur contribui com a hermenêutica narrativa, sobretudo pela tríplice mimese, que permite interpretar a Renovação ao SCJ como experiência narrativa capaz de conformar o espaço simbólico.

Na mimesis I (pré-figuração), encontram-se os hábitos, símbolos e expectativas que estruturam a prática devocional. A mimesis II (configuração) organiza esses elementos em narrativas e ritos — como orações, entronizações e promessas —, conferindo-lhes coerência simbólica. Já a mimesis III (refiguração) projeta tais narrativas sobre a vida concreta dos devotos, de modo que a fé reorienta a existência cotidiana e produz novas espacialidades.

Essa mediação narrativa reforça a leitura simbólica do fenômeno que em diálogo com Cassirer permite compreender a Renovação como uma cartografia de sentidos, que ultrapassa a materialidade empírica e se inscreve na cultura e na geografia da religião.

Eliade (1995), nesse mesmo horizonte, descreve o espaço sagrado como um espaço poderoso e significativo, no qual o ser humano experiencia o sagrado e descobre a realidade do mundo dos significados.

Dessa forma, Pereira (2014) ressalta que a compreensão do fenômeno religioso deve abarcar tanto as dinâmicas materiais quanto as imateriais, expressas nas ações sociais de um grupo, sem deixar de privilegiar a construção de sentido que o sagrado confere à experiência religiosa.

Nessa perspectiva, o papel fundamental da Geografia da Religião consiste em analisar o fenômeno religioso como espaço de relações objetivas e subjetivas, consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião (Gil Filho, 2007). Nesse horizonte, a análise da Renovação ao SCJ ganha densidade teórica ao ser compreendida como prática simbólica que organiza a experiência religiosa e produz espacialidades no sertão nordestino.

Assim, a Renovação ao SCJ, interpretada à luz da geografia da religião, de Cassirer e Ricoeur, constitui uma prática simbólica que organiza a experiência da fé e produz espacialidades significativas no sertão nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um mundo dinâmico, carregado de histórias e simbologias, em que cada povo, comunidade ou família constrói sua trajetória social e cultural. Em todos os lugares acompanhados até o momento, observou-se que a Renovação ao SCJ foi recriada a partir dos costumes locais, tornando-se uma prática multicultural, com traços que ora se aproximam, ora se distanciam da forma tradicional iniciada em Juazeiro do Norte-CE. Em alguns contextos, mantém-se quase idêntica, com pequenas variações; em outros, as diferenças são mais marcantes, revelando adaptações significativas.

Irradiar fé, tradição e cultura significa criar condições para que as pessoas realizem uma experiência simbólica. As famílias acompanhadas até o momento revelaram diferentes fatores históricos por trás desse processo, cada uma com sua particularidade. Contudo, observou-se que a Renovação, em si, não se desloca isoladamente: quem migra é a família com sua história, seus costumes e, com eles, a devoção, a tradição e a cultura. Nessa dinâmica, a experiência simbólica ganha novos sentidos ao ser reinterpretada em cada contexto.

Os achados apresentados confirmam, ainda que de modo parcial, que a prática devocional domiciliar deixada por Padre Cícero não se restringe a Juazeiro do Norte e à Região Metropolitana do Cariri. A Renovação ao SCJ se difunde para além do Cariri cearense, com registros em cinco municípios de cinco estados do Nordeste e variações rituais que traduzem a incorporação de costumes locais. Em termos analíticos, isso responde à questão central do estudo: a prática não se desloca como objeto isolado; ela viaja com as famílias e suas memórias, reconfigurando-se na chegada — uma migração simbólica que (re)inscreve a fé em novos contextos culturais.

Do ponto de vista teórico, a Renovação ao SCJ pode ser compreendida como forma simbólica (Cassirer) que articula linguagem, memória e rito, produzindo espacialidades devocionais interpretadas pela Geografia da Religião (Gil Filho) e reconhecidas como espaços sagrados de experiência (Eliade). A tríplice mimese (Ricoeur) contribui para explicar como as narrativas devocionais configuram e reconfiguram a experiência simbólica, estabilizando a prática no tempo e no espaço.

É importante reconhecer os limites deste estudo: os resultados apresentados decorrem de um trabalho de campo ainda em andamento (2024–2025) e de contatos obtidos por meio das romarias e mídias locais, não configurando, portanto, um censo exaustivo. Como próximos passos, pretende-se completar o levantamento nos nove estados do Nordeste, cartografar a distribuição municipal da prática, comparar as variações rituais e seus sentidos e aprofundar a análise narrativa das experiências familiares. Esses desdobramentos deverão contribuir para consolidar uma cartografia simbólica da Renovação ao SCJ no Nordeste.

Assim, a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus revela-se não apenas como herança devocional do Padre Cícero, mas como prática viva que atualiza a fé, ressignifica espaços e projeta novas cartografias simbólicas no sertão nordestino.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 214. ed. São Paulo: Ave Maria, 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo 2010*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia#:~:text=8%2C0%25%20dos%20brasileiros%20se%20declararam%20sem%20religi%C3%A3o%20em%202010&text=O%20Censo%202010%20tamb%C3%A9m%20registrou%20aumento%20entre%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%20que,0%2C3%25%20em%202010>. Acesso em: maio 2022.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. Tradução de Marión Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DIOCESE OLIVEIRA. *Livreto novena do Sagrado Coração de Jesus*. Disponível em: https://www.dioceseoliveira.org.br/wp-content/uploads/celebrar/partilhar/Livreto_Junho%202020_social.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GARCIA, Carlos. *O que é Nordeste brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GIL FILHO, S. F. Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). *Da percepção e*

cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. *Raega – O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 101-137, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/18316/11880>. Acesso em: 24 jan. 2025.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. *Painel de indicadores 2020*. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2020/12/Painel_Indicadores_2020.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. *Estudo do IPECE revela os dez maiores e os dez menores municípios em indicadores sociais e econômicos*. 2022. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/2022/12/22/estudo-do-ipece-revela-os-dez-maiores-e-os-dez-menores-municipios-em-indicadores-sociais-e-economicos/#:~:text=As%20coloca%C3%A7%C3%B5es%20dos%20maiores%20e,10%20menores%20munic%C3%ADpios%20cearenses%202022>. Acesso em: 23 jan. 2025.

JESUS, Frei Salvador do Coração de. *A grande promessa do sacratíssimo Coração de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2007.

LOBO, Marilene Ferreira. *Padre Cícero no Cariri: a prática religiosa da Renovação ao Sagrado Coração de Jesus em Juazeiro do Norte – CE como identidade cultural do lugar*. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

LOBO, Marilene Ferreira; GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Fé e prática: a Renovação ao Sagrado Coração de Jesus deixada pelo Padre Cícero Romão Batista*. No prelo.

OLIVEIRA, Amália Xavier. *O Padre Cícero que eu conheci*. Fortaleza: Premium, 2001.

PEREIRA, Clevisson Junior. *Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista*. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35907/R%20-%20T%20-%20CLEVISSON%20JUNIOR%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Agradecimentos: A pesquisa contou com apoio do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação no Paraná (PDPG/CAPEs–Fundação Araucária).

